

África: âncora dos navios de nossa memória

Africa: anchor of the vessels of our history

CONCEIÇÃO EVARISTO*

RESUMO: OS NAVIOS NEGREIROS, O PÉRIPO DOS ESCRAVIZADOS DA ÁFRICA ATÉ O BRASIL E O TRAUMA ORIGINAL DO DESCENTRAMENTO SÃO REMEMORADOS, TOMANDO A IMAGEM DE KALUNGA COMO ESPAÇO DE MORTE E RESSURREIÇÃO, CAMINHO DE ESCRAVATURA E DE REENCONTRO DA TERRA-MÃE.

ABSTRACT: THE SLAVE SHIPS, THE VOYAGE OF THE ENSLAVED FROM AFRICA TO BRAZIL, AND THE ORIGINAL TRAUMA OF DECENTERING ARE REMEMBERED, TAKING THE IMAGE OF KALUNGA AS A SPACE OF DEATH AND RESSURRECTION, THE PATH OF SLAVERY AND A SECOND MEETING WITH THE MOTHERLAND.

PALAVRAS-CHAVE: ÁFRICA; BRASIL; CONCEIÇÃO EVARISTO; TRÁFICO NEGREIRO; ESCRAVATURA.
KEYWORDS: AFRICA; BRAZIL; CONCEIÇÃO EVARISTO; SLAVE TRADE; SLAVERY.

* Escritora brasileira. Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: conceicaovaristo@hotmail.com.

Recordar é preciso

O mar vagueia sob os meus pensamentos.

A memória bravia lança o leme:

“Recordar é preciso”.

*O movimento de vaivém nas águas-lembranças
dos meus marejados olhos transborda-me a vida,
salgando-me o rosto e o gosto.*

*Sou eternamente náufraga,
mas os fundos oceanos não me amedrontam
e nem me imobilizam.*

*Uma paixão profunda é a boia que me emerge.
Sei que o mistério subsiste além das águas.*

Conceição Evaristo (2008, p. 9)

Navegar é preciso. “Terra à vista” foi um sintagma glorioso somente para os que chegavam. Avistar a terra era o antegozo da posse. Terra à vista não instituiu uma descoberta e, sim, um apagamento do outro.

Navegar é preciso, embarcar nas águas da memória, içar velas mar adentro, retomar o caminho, buscar a história emaranhada em direção à volta.

Navegar não é preciso. A bússola indica a direção, mas é impotente diante da imprecisão do tempo.

Recordar é preciso. Impreciso é, muitas vezes, o desenho amorfo no quase-vazio de nossa memória. Inventar-se, pois, uma história, preenche-se com a ficção o vácuo produzido não pelo esquecimento, mas pelo desconhecimento do evento histórico silenciado em sua profundidade. Cultivemos as nossas molhadas lembranças, retirando o mofo do tempo. E uma imagem há de persistir sempre. A do navio.

É o navio negreiro, signo comum de ruptura, para os povos da diáspora africana, que marca o início da história dramática dos povos descendentes de africanos na América.

A travessia do oceano, destino incógnito dos “transterrados”, constitui o rompimento de um espaço físico e simbólico, já que o “mar ou outro corpo de água grande”, como destaca Robert Anderson (1996, p. 116), guarda a di-

vindade Kalunga. Atravessar tantas águas, para muitos dos africanos tornados escravos, causava-lhes a sensação de terem sido transformados em “mortos vivos”, pois haviam cruzado o mar, espaço guardador do espírito da morte.

“Kalunga é mesmo a morte”, assevera a personagem do conto “A Náusea” de Agostinho Neto (1980). *Kalunga*, mar, mortalha envolvente daqueles que cruzam o espaço de tantas águas. Mar que traz o invasor com seus barcos gigantes, afirma a voz narrativa do conto nessa passagem:

Da sua cubata de Samba Kimôngua, velho João saiu com a família, de manhãzinha muito cedo, e desceu a calçada, atravessou a cidade [...]

Velho João ia visitar o irmão que estava doente, [...]

De repente olhou para longe e disse ao sobrinho, estendendo o braço:

– O mar. Mu’alunga!

O sobrinho olhou para ele esperando mais alguma coisa, sem compreender o significado que o tio queria dar àquela palavra. Porém, ante o silêncio do tio, desviou a atenção.

Velho João já olhava de novo a areia e monologava intimamente: Mu’alunga. O mar. A morte. Esta água! Esta água salgada é perdição. O mar vai muito longe, por aí fora. Até tocar o céu. Vai até a América. Por cima, azul, por baixo, muito fundo, negro. Com peixes, monstros que engolem homens, tubarões. O primo Xico tinha morrido sobre o mar quando a canoa se virou ali no mar grande. Morreu a engolir água. Kalunga. Depois vieram os navios, saíram navios. E o mar é sempre Kalunga. A morte. O mar tinha levado o avô para outros continentes. O trabalho escravo é Kalunga. O inimigo é o mar.

[...] Kalunga acorrentou gente nos porões e o povo apenas teve medo. Kalunga chicoteou as costas e o povo só curou as feridas. Kalunga é a fatalidade. Mas por que foi que o povo não fugiu do mar?

Kalunga é mesmo a morte. [...] E Kalunga não conhece os homens. Não sabe que o povo sofre. Só sabe fazer sofrer.

[...]

Olhou para Kalunga e sentiu-se mal. Uma coisa subia-lhe da barriga ao peito. O cheiro do mar fazia-lhe mal, agora. Enjoava [...]

Sentiu náuseas. Não podia mais. Vomitou todo o almoço (NETO, 1980, p. 21-30).

Nesse mesmo barco gigante, onde muitos africanos (muitos e muitos) foram entregues ou tragados por Kalunga, outros, muitos e muitos também se salvaram. O mar, contudo, é também promessa. Ali se guarda a esperança, a possibilidade da volta. Enfrenta-se novamente a imensidão e os mistérios de Kalunga para reencontrar a Terra-mãe. Corpos jogados ao mar, corpos se jogam no mar, o mar guardando corpos. Mar, espaço de morte e de ressurreição. Hoje a travessia é feita pela memória.

Entre os vários espaços em que a África é revivida no solo brasileiro, há um em que ela se torna o centro de gravidade. É o espaço do terreiro. Ali, em um dado momento histórico, fundia-se o presente do africano escravizado ao seu passado imediato, assim como ao longínquo e ao tempo ancestral. Nele, ainda hoje, os afro-brasileiros podem vivenciar uma religiosidade marcada por uma cosmogonia negro-africana. Nesse espaço, pode ser encontrado, na entrada da casa, fixado ou pendurado, um pequeno barco, objeto-lembrança da travessia do emigrante forçado, como descreve Moema Parente Augel (1997, p. 183-199). Ao compor o ambiente de um dos lugares de reterritorialização da religiosidade africana no Brasil, tal objeto traduz também o sentimento de banzo, triste e enfeitado desejo de retomar o navio e voltar em busca da Mãe-África.

Ao lado da memória dolorida há também, graças a Olorum, a Zâmbi¹ e a outras forças onipotentes das teogonias africanas aportadas no Brasil, uma memória de feridas cicatrizadas, para os afro-brasileiros. E ainda, como conforto e fé, desde os tempos da escravidão, certos mitos católicos foram apropriados pelos africanos e seus descendentes. Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia, São Benedito, Santo Antônio de Categeró, Escrava Anastácia e outros se bandearam para o lado do povo escravizado, cumpliciando com as nossas dores e lutas até hoje. Desse modo, entre feridas e cicatrizes, identidades mutiladas são reconstruídas com o auxílio de uma memória mítica, que circula pela oralidade e que se afirma, muitas vezes, como um contra-discurso à história oficial brasileira. Foi a África, portanto, âncora dos navios de nossa memória, que vestiu a nudez do africano, do *migrant nu*, utilizando o termo de

1. Olorum – Deus único da teogonia Yoruba. Origem e fim de toda a criação, Olorum não tem culto e nem se manifesta nos terreiros (NASCIMENTO, 1983, p. 107). Zâmbi – Divindade suprema dos cultos de origem angolo-conguesa e da umbanda, correspondente ao nagô Olorum e ao Deus católico (LOPES, [s.d.], p. 266).

Glissant, (2005, p. 17) para cá deportado. Os deuses também vieram embarcados com seus filhos, como nos deixa entender Gates, quando diz que “os africanos que cruzaram o Mar Oceano não viajaram e sofreram sós” (*apud* MARTINS, 1997, p. 25).

A lembrança do negreiro nos persegue. Ora com Glissant (1981), que situa o evento traumático da dispersão dos africanos pelo tráfico, como o momento fundador dos povos do Caribe e que, por extensão, pode ser pensado para o continente americano em sua totalidade. Ora com Gilroy (2001), que mesmo propondo uma maneira mais modernista de apreensão do trauma original que marcou o nascimento dos filhos da diáspora africana no Novo Mundo, escolhe também a “imagem de navios em movimento pelos espaços entre a Europa, América, África e o Caribe como símbolo organizador central para o empreendimento e ponto de partida” de sua pesquisa, como ele próprio observa (GILROY, 2001, p. 38).

Compondo o corpo naufrago, morto e salvo nos sobreviventes de ontem e de hoje, vozes africanas também afirmam a experiência do dilaceramento. É, ainda, Agostinho Neto (1985, p. 41) que diz: “O oceano separou-me de mim [...] Na minha história/ Existe o paradoxo do homem disperso”. Também Noémia de Sousa (1988, p. 57) se reconheceu nas Américas ao ouvir as vozes de Marian e Robeson e em versos gritou: “oh let my people go...”. É para deixar passar o seu povo que os bakongos ainda esperam o retorno dos africanos embarcados para a escravidão. Segundo Clyde W. Ford (1999, p. 33), para eles, os descendentes de africanos, que foram enviados para as Américas, são “almas-heróis de ancestrais” que partiram para Mputu e deverão regressar um dia.

Navios, águas, passagens, desterro, dores, assim como formas diversas de reterritorialização, tentativas e práticas de reencontros entre os povos diaspóricos são relembradas e sonhadas, principalmente nas artes.

E como a memória é também fruto de uma construção, elegemos quais navios flutuarão nas águas de nossas lembranças. O belíssimo “Navio Nегreiro” e as angustiadas “Vozes d’África”, de Castro Alves (1976), cantos poéticos que ajudaram a conquistar simpatizantes para a luta abolicionista, não ressaltamos mais. Lemos esses, mas sem cuidarmos da entonação. Nosso navio é outro, apesar de uma memória em tormento velejando em nossa história. Entretanto, há muito, diferentes embarcações singram por nossos mares. O navio da impotência não é invenção nossa. O navio quilombola, sim. Aquele que navega

nas águas da resistência, como este desenhado nos versos do poema “Navio Negreiro”, de Solano Trindade:

[...]
Lá vem o navio negreiro,
Cheio de melancolia,
Lá vem o navio negreiro,
Cheinho de poesia.
Lá vem o navio negreiro,
Com carga de resistência,
Lá vem o navio negreiro,
Cheinho de inteligência... (TRINDADE, 1999, p. 45)

No rememorar do trauma primeiro – a viagem negreira –, traduzido no ato criativo da “dramaturgia da recordação”, usando aqui uma expressão de Gilroy (2001, p. 13), suportes de consolação são conclamados. Invoca-se a mitologia para transformar uma tragédia, antes incomensurável, em acontecimento assistido pelo mito. Nei Lopes (1996, p. 23-24), no poema “História para ninar Cassul Buanga”, composto por 41 versos, cria uma voz poética, a de um “mais velho” contando a saga dos povos africanos, desde a invasão colonizatória dos portugueses à fundação de um novo mundo nas Américas, para um mais novo. Depois de ouvir sobre “nossas negras dignidades/ Dadas aos peixes”, sobre o trabalho escravo em que o “Nosso suor foi o doce sumo de suas canas/ – nós bagaços”, e que o “Nosso sangue eram as gotas de seu café/– nós borras pretas”, um tom épico invade o texto recuperando uma identidade aviltada, a começar pelo ventre das mulheres, para assim finalizar:

Hoje, Cassul, nossas mulheres
– os negros ventres de veludo –
Manufaturam, de paina, de faina
Os travesseiros
Onde nossos filhos,
Meninos como você, Cassul-Buanga,
Hão de sonhar um sonho tão bonito...
Porque Zâmbi mandou. E está escrito (LOPES, 1996, p. 23-24).

E como os africanos deportados não viajaram sozinhos, Zâmbi testemunha e salvaguarda o futuro de Cassul Buanga, assim como Olorum, no conciso poema “Navio Negreiro”, de Sônia Fátima da Conceição, comandando o destino dos deportados, pode amenizar a tragédia e potencializar a resistência de seus filhos:

Por força e comando
do ORIXÁ Maior
mudou-se o rumo dos ventos
desenharam-se nuvens no céu
E o mar foi colocado
em nossa direção (CONCEIÇÃO, 1988, p. 69).

Referências bibliográficas

- ALVES, Castro. *Espumas flutuantes*. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.
- ANDERSON, Robert. O mito de Zumbi: implicações culturais para o Brasil e para a diáspora africana. In: *Afro-Ásia*. Salvador: CEAO - Centro de Estudos Afro-Orientais. UFBA, n.º 17, 1996, p. 99-119.
- AUGEL, Moema Parente. A imagem da África na poesia afro-brasileira contemporânea. In: *Afro-Ásia*. Salvador, Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia, n.º 19-20, 1997, p. 183-199.
- CONCEIÇÃO, Sônia Fátima da. “Navio Negreiro”. In: *Cadernos negros 11 - Poemas*. São Paulo: Quilombhoje, 1988.
- EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
- FORD, Clyde W. *O herói com rosto africano: mitos da África*. Trad. de Carlos Mendes Rosa. São Paulo: Summus, 1999.
- GLISSANT, Edouard. *Le discours antillais*. Paris: Seuil, 1981.
- _____. *Introdução a uma poética da diversidade*. Trad. Enilce Albergaria Rocha, Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- GILROY, Paul. *O Atlântico negro*. Trad. de Cid Knipel Moreira. Rio de Janeiro: UCAM, Editora 34, 2001.
- LOPES, Nei. *Incurções sobre a pele*. Rio de Janeiro: Artium Editora, 1996.

- _____. *Dicionário banto do Brasil*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, SMC, [s.d.].
- MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória*. Belo Horizonte: Mazza Edições; Editora Perspectiva, 1997.
- NETO, Agostinho. *Náusea*: conto. Lisboa: Ed. 70, 1980.
- _____. *Sagrada esperança*. São Paulo: Ática, 1985.
- SOUSA, Noémia de. *Sangue negro*. Maputo: AEMO, 1988.
- TRINDADE. Solano. *O poeta do povo*. São Paulo: Cantos e Prantos, 1999.

Autora convidada.